

MULTITUDES

Manuel Sardinha

Artista: Manuel Sardinha
Título da Exposição: Multitudes
Domínio Artístico: Fotografia

De 06 de setembro a 23 de outubro de 2025

Comissariado:
Ana Cravo
Carlos Filipe

Textos de Apresentação:
Carlos Filipe, *Nota de abertura*
Ana F. Cravo, *Multitudes do arquivo*

Direção Artística:
Ana Cravo

Direção de Produção: João Pires Lopes (CECHAP)
Design Gráfico: CECHAP
Fotografias: Manuel Sardinha
Comunicação: Olga Nikolova

Apoio: Câmara Municipal de Vila Viçosa
Parceiro: Instituto Politécnico de Portalegre

ISBN: 978-989-36007-6-4

Número 13

Rede Portuguesa de Arte Contemporânea

© 2025 Galeria Aqui D'El Arte, CECHAP

Manuel Sardinha

MULTITUDES

Fotografia

AQUILAR
_D'EL_____ARTE
XXXXXXXXXX

NOTA DE ABERTURA

Carlos Filipe

A Galeria Aqui d'el Arte acolhe uma nova exposição de fotografia, motivo de grande orgulho para a direção do CECHAP. Este orgulho é duplo: não só pela relevância do conjunto de imagens apresentadas, mas também pela oportunidade de mostrar como a fotografia pode ser, simultaneamente, arte e poesia do instante, preservando memórias através do olhar sensível do fotógrafo. A exposição revela imagens que capturam situações únicas, congelando momentos repletos de significado.

O fotógrafo, ao registrar essas realidades, imprime nelas o seu interesse, a sua sensibilidade e a sua paixão pelo ofício. Como salienta Ansel Adams, *alguns fotógrafos capturam a realidade... e impõem a ela a dominação de seu próprio pensamento e espírito. Outros entram em contato com a realidade de modo mais tenro, e a fotografia,*

para eles, é um instrumento de amor e revelação [tradução livre].

Manuel Sardinha, natural de Vila Viçosa, iniciou-se desde cedo na fotografia e no desenho, tendo conquistado diversos prêmios na área da banda desenhada. Ao longo dos anos, reuniu um vasto acervo de imagens oriundas de diferentes lugares, construindo uma coleção que reflete tanto a sua memória pessoal como a memória coletiva.

A mostra apresenta uma seleção de fotografias analógicas, digitalizadas e impressas a preto e branco, abrangendo um amplo período cronológico. Através da arte e da sensibilidade do autor, as fotografias conduzem o visitante ao significado dos lugares representados, ampliando a dimensão visual e artística da exposição.

Aos visitantes, expressamos o nosso reconhecimento a Manuel Sardinha, cuja obra

agora se encontra exposta na Galeria Aqui d'el Arte, destacando a singularidade do seu percurso e o valor artístico das suas imagens. Agradecemos também aos diretores da Galeria e à equipa do CECHAP pelo empenho e profissionalismo dedicados à realização desta exposição.

A Galeria e o CECHAP têm como missão principal promover a mediação entre as artes, os artistas, as suas obras e o público, contribuindo para a valorização da Cultura e do Património.

Vila Viçosa, 06 de setembro de 2025

MULTITUDES DO ARQUIVO

Ana F. Cravo

Esta exposição apresenta um pequeno conjunto de fotografias extraídas do vasto arquivo de Manuel Sardinha (datado entre 1983 e 2015). São imagens que emergem da transição entre o analógico e o digital, porque todas as fotografias, à exceção de *Vila Viçosa 2015* (única digital e a cores do conjunto), são criadas a partir da passagem do negativo analógico para o digital.

Multitudes enlaça ideias da história da fotografia a preto e branco e da passagem do analógico ao digital, levantando questões sobre a indicação da identidade dos seres e da disrupção poética que as baralha e transfigura. No seu conjunto as imagens alocam-nos em muitas paisagens e diferentes locais (Arraiolos, Coruche, Leiria, Lisboa, Londres, Maçal do Chão, Pedra do Ouro, Pedrógão, Polvoeira, Sagres, Terrugem e Vila Viçosa), sublinhando como o tempo de cada um daqueles lugares

irrompe agora como testemunho do que *já foi* (Barthes:1981), numa aceção poética, em que a ordem cronológica não é crucial na selecção. Neste sentido, não se pode marcar o potencial que os une num agora sem compreender que o autor realiza uma escolha só aparentemente ordenada. O que vemos é enfático de uma energia que se abre com a força do rasto do desaparecimento, de uma nostalgia poética que destrói o documental, mesmo enquanto percurso.

A singularidade destas fotografias estará no confronto que cada uma estabelece com a plasticidade da forma e o que se enquadra contextualmente como expansão estranha do sentido de identidade que, neste caso, bem se indicia pela escolha do título *Multitudes*. Podemos sentir a força de uma sensação de passagem-apagamento a que estes lugares e paisagens dão curso: uma passagem que se

presentifica no gesto, na acção do ser que as habita e num movimento implícito que, simultaneamente, apaga ou dilui a figura.

Trazendo esse passado e cruzando uma herança do fantasmagórico da imagem fotográfica (especialmente a preto e branco) que giza poder dar eternidade ou, pelo contrário, expor o vazio que vai corrompendo uma linhagem de “arquivismo”, por isso, apontando um modo de começo infinito.

Como refere Alain Badiou, não obstante a propósito de uma ode do poeta árabe Labîd bem Rabi'a (Império Sassânida, c. 505-c. 661) e de uma poesia de Mallarmé (Paris, 1842 - 1998) «a ausência evoca um percurso que se faz da ausência à nostalgia desejosa, do desejo à energia do movimento.» (Badiou:1999, p.73).

1. Sentir a desordem e fazer-se sentir

Em sentido geral, podemos dizer que estas foto-

grafias nos confrontam com os limites da sua descoberta enquanto ser ou espécie, com o apelo consequente, mas contraditório de uma representatividade, complementar ou mais eficaz do que aquela que se pode descrever pela escrita ou pela fala. Portanto, as imagens são provocadoras e obrigam-nos a sentir como se desprendem de uma identidade convocando-nos para questionar a desordem.

Se, no caso de *Lisboa 1983*, o plano de imagem combina a passagem com personificação de uma acção determinada, como tocar uma tuba; noutras fotografias, pelo contrário, há uma ambígua combinação entre o ser no lugar, no gesto e na importância da sua despersonificação. Isto pode ser particularmente conectado à fotografia de um vulto numa bicicleta (*Vila Viçosa 2001*), e, também à fotografia que coloca em primeiro plano uns calções de praia de um rapaz (*Sagres 2001*) e, ain-

Fig. 1 – Manuel Sardinha,
Lisboa 1983.
Fotografia analógica
digitalizada, 2025.



da, à que nos revela uma paisagem em que se descobre um conjunto alinhado de barracas (*Pedra do Ouro* 2009).

Não são apenas os seres e os locais destas paisagens ou os gestos que pararam no tempo, é a fotografia que vibra como cursora de sensações e afetos que nos tomam enquanto espectadores de multitudes: é múltipla e vaga a identidade que se une ao campo temático, de tal modo que podemos consentir na sensação da impossibilidade de focar uma só mutação, mas ainda de como esta se transforma numa afectação acerca da ausência de género.

Digamos, então, que estes muitos lugares e variados seres que vêm lembrar como houve um tempo e um espaço distantes, na velocidade de um devir, presentificam a nostálgica existência de multitudes que se faz sentir como devir-ausência.

1.1 Potenciar o diverso

A riqueza artística – do conjunto de fotografias expostas – está no diverso que parece consignar muito bem a irreverência na singularidade. Há um vasto campo de sensações que nos conotam ao curso para o silêncio, para o vazio e convocam uma incorporação anti nominal à metáfora. Por sua vez, a intensidade de coexistir com uma história, uma ordem, presentifica-se nestas imagens como um rasto que reifica uma memória que se une no mesmo tom para intensificar em nós a transformação veloz do mundo. Assim, podemos ver, no vulto do homem da bicicleta, a diagonal pouco acentuada que intensifica a ambiguidade entre movimento e desaparecer, jogando com diferenças muito subtis de cinzas e negros que, por um lado, escondem os detalhes do plano inferior da imagem, mas, por outro, sublinham a possibilidade de indiciar a figura

através do contraste entre a paleta de cinzentos médios e a mancha clara e texturada que a envolve. Na imagem em corte de um rapaz caminhando na praia, o padrão dos calções e da sua pele constituem uma incorporação constituída contra o figurativismo, e modeladora de um movimento, porque o corte da figura, no seu grande plano, recria a sensação de um movimento implícito, que encontra a sua intensidade na linha e na mancha texturada do braço e da mão, em combinação com a subtil diagonal dada pela percepção do avanço da perna direita.

2. O legado “icónico” do Preto e Branco e uma fotografia a cores

Na sua bem encastrada potencialidade de linguagem fotográfica, a depuração é uma marca da arte, uma força para vencer o

contraditório do valor oficioso e artístico da linguagem e da sua expansão para além dela. E, é neste sentido, que o domínio clássico da técnica e da linguagem da fotografia revela a mestria do autor. Na realidade, a irreverência – inerente aos artistas para expandirem a plasticidade das formas visuais ao artístico – recria a visão de mundos e dos conceitos técnicos aferidos aos diferentes domínios de linguagens artísticas.

Estamos, deste modo, muito longe de poder consertar o sentido de recuperação de fotogramas analógicos com o histórico-documental, apesar deste processo ser relevante para a designação da era Pós-Fotográfica, como refere Margarida Medeiros. (Medeiros: 2016, p.15).

A fotografia a cores (2015) tem qualidades que nos lembram a plasticidade pictórica, se pensarmos que a aplanção é um valor impor-



Fig. 2 – Manuel Sardinha,
Sagres 2001.
Fotografia analógica
digitalizada, 2025.

tante do carácter da pintura. Ainda assim, este valor pode ser contradito com uma apologia clássica de captação da volumetria das figuras, que, por sinal granjeia da empatia popular pela pintura hiper-realista, que tem como suporte técnico o uso da fotografia digital.

A dificuldade de encontrar e de fazer uma aproximação ao carácter desta exposição, advém também da inserção desta fotografia em digital e a cores, já que o repto de uma cadência de imagens dada em tom nostálgico, parece quebrado, embora a história esteja a ser vista a apagar-se ou, o apagar-se, talvez se constitua um encantamento do processo que une o infinito de multitudes a preto e branco a um depois a cores.

Na transição entre eras a variação de grandes contrastes no espaço de composição reiteram o poder do “a PB” e, por expansão, duma nostalgia do prazer estético-significante que o

preto e branco abriu como aproximação ao registo do real e à iconicidade do retrato.

2.1 Da vivificação de sensações de paisagem.

A perspectiva central de algumas destas fotografias reitera o todo de uma unidade *paisageira* pelo modo como o autor enquadra a figura (vista de longe), no centro da composição. Vemos como um alinhamento de árvores, meio cobertas pela água, captado a longa distância (*Coruche 2011*), instiga a direcção do nosso olhar, desde as margens inferiores da imagem até ao seu centro. Algo semelhante nos leva até ao centro da imagem intitulada *Pedrogão 2009*: percorrer a imagem até ao seu foco – a árvore – flui – desde o seu primeiro plano – pelo entretanto de sensações hápticas de terra lavrada.

O modo como o artista vai usando o sentido fi-



Fig. 3 – Manuel Sardinha,
Maçã do Chão 1989.
Fotografia analógica
digitalizada, 2025.

gural, revela-se como qualidade subtil em favor de uma natureza unida à mutabilidade. Em *Multitudes*, vamos descobrindo como as camadas sobre camadas recriam sensações de demora, como se uma lentidão se alinhasse à infinitude e à imensidão, tal como acontece também com *Leiria 2009* e *Londres 1999*.

2.2 Da linha orgânica

Os elementos da composição visual, tal como a linha implícita ou explícita, no sentido mais plástico, permite-nos entender como o preto e branco é co-efeito de uma poética que, em certo sentido, se aproxima de uma estética pós-moderna, que considera uma comunhão entre o homem e a natureza, porquanto processa variações sobre a imensidão, mas também recria o fragmento modernista, num cruzamento contemporâneo, que apela à diluição das fronteiras entre os ismos, a uma perspectiva

mais ampla de mapeamento da arte e de acoplação de processos.

Esta linha revela-se enfaticamente nas fotografias *Maçal do Chão 1989*, *Vila Viçosa 1991* e *Terrugem 1995*. O vulto da figura, em *Maçal do Chão 1989*, que caminha encurvado (para a direita) entrecruza-se com uma linha elíptica e o seu movimento implícito que desenvolve sensações de um esvanecer lento. Em sentido semelhante – na obra *Vila Viçosa 1991* – um vulto deambula combinado a uma linha de enquadramento de um automóvel em contraluz, no primeiro plano – que se acopla numa inquietante torção da forma em contraste com o encadeamento do plano longínquo e iluminado da imagem. No caso da paisagem na *Terrugem*, o deambular da linha na parte superior da imagem, acrescenta um emaravilhamento à perspectiva do terreno lavrado, que combina bem com a sensação do amol-



Fig. 4 – Manuel Sardinha,
Terrugem 1996.
Fotografia analógica
digitalizada, 2025.

gar do magma da terra (na zona central é à direita da imagem).

A linha, a mancha, as texturas combinadas com a estranha incorporação das figuras no campo de forças da perspectiva e, ainda com o formato de composição em paisagem, desenha-se como se na imensidão do plano de imagem houvesse sempre que conduzir a demora do olhar do espectador. Uma linha curvilínea-deambulante que nos desvia de um caos frio e nos deixa fluir ritmadamente pela estranheza da incorporação dos seres sob a sua tutelar beleza, enquanto transfiguração dos limites da figura e do seu apagamento, pode versar na sensação que o imenso encontra na duração, como um modo de intensificação para o lento. Neste cumular de processos, o carácter de cada obra é, quanto a nós, o modo poético que vivifica a natureza *naturans* em desvio à vertigem de um legado do registo espectral da imagem fotográfica. A

qualidade deste conjunto de fotografias manifesta o grande talento e a perseverança do caminho artístico de Manuel Sardinha encarna na sua alma nómada de fotógrafo.

Vila Viçosa, 28 de agosto de 2025

Referências Bibliográficas

- Badiou, A. (2001). *Pequeno Manual de Inestética*. Lisboa: Piaget.
- Barthes, R. (2011). *A Câmara Clara*. Lisboa: Edições 70.
- Medeiros, M. (2026). "A memória de Família e a sua fantasmagorização: snapshot, identidade e telepatia na série Re-take of Amrrita de Vivan Sundarin" in *Fotogramas. Ensaio sobre Fotografia*, coord. e org. de M. Medeiros, Lisboa: Documenta.

OUTRAS OBRAS EM EXPOSIÇÃO



Fig. 5 – Manuel Sardinha, *Arraiolos* 1987. Fotografia analógica digitalizada, 2025.



Fig. 6 – Manuel Sardinha, *Vila Viçosa* 1991. Fotografia analógica digitalizada, 2025.



Fig. 7 – Manuel Sardinha, *Londres 1999*. Fotografia analógica digitalizada, 2025.



Fig. 8 – Manuel Sardinha, *Vila Viçosa* 2001. Fotografia analógica digitalizada, 2025.



Fig. 9 – Manuel Sardinha, *Leiria 2002*. Fotografia analógica digitalizada, 2025.



Fig. 10 – Manuel Sardinha, *Vila Viçosa* 2002. Fotografia analógica digitalizada, 2025.



Fig. 11 – Manuel Sardinha, *Leiria 2004*. Fotografia analógica digitalizada, 2025.



Fig. 12 – Manuel Sardinha, *Leiria* 2005. Fotografia analógica digitalizada, 2025.



Fig. 13 – Manuel Sardinha, *Leiria* 2009. Fotografia analógica digitalizada, 2025.



Fig. 14 – Manuel Sardinha, *Pedra do Ouro* 2009. Fotografia analógica digitalizada, 2025.



Fig. 15 – Manuel Sardinha, *Pedrogão* 2009. Fotografia analógica digitalizada, 2025.



Fig. 16 – Manuel Sardinha, *Polvoeira* 2009. Fotografia analógica digitalizada, 2025.



Fig. 17 – Manuel Sardinha, *Coruche* 2011. Fotografia analógica digitalizada, 2025.



Fig. 18 – Manuel Sardinha, 2015. Fotografia digital, 2025.

Curriculum Vitae do Artista (abreviado)



Manuel Sardinha, *Auto-retrato*.

Manuel Sardinha Nasceu em Montoito em 1963 onde viveu alguns anos da sua infância. A sua juventude foi vivida em Vila Viçosa, terra que sente que continua a ser sua, apesar de hoje

viver em Brinches e de ter deambulado por outras. Engenheiro Civil de formação, actualmente vive e trabalha no Baixo Alentejo. O seu interesse pela fotografia desenvolve-se a partir da década de 80 até à actualidade. Ser fotógrafo combina, no entanto, com um percurso muito precoce de paixão pelas imagens visuais, pela arte ou pelo seguimento de um irrevogável talento para o desenho, que o faz dedicar-se à banda desenhada e ganhar vários prémios. A experiência de arquivo de imagens que, em diversos sentidos preconiza o estudo e o processamento de trabalhos de artes visuais, consolidados ao longo de quase cinco décadas, num acervo de imagens e memórias que é construído desde a infância até ao presente.

Índice

Nota de Abertura	7
Multitudes do arquivo	9
1. Sentir a desordem e <i>fazer-se sentir</i>	10
1.1 Potenciar o diverso	12
2. O legado “icónico” do Preto e Branco e uma fotografia a cores	13
2.1 Da vivificação de sensações de paisagem	15
2.2 Da linha orgânica	17
Outras obras em exposição	21
<i>Curriculum Vitae</i> do Artista (abreviado)	36

Organização



Parceiros



Apoio



Cofinanciado Por



Cofinanciado pela
União Europeia



rpac
Rede Portuguesa de Artes e Cultura

Os Fundos Europeus não garantem o êxito